

Brasil tem a quarta maior taxa de desemprego entre as principais economias do mundo, diz levantamento

A taxa brasileira é mais do que o dobro da média mundial. O levantamento internacional foi feito em mais de 40 países.

Por Jornal Nacional

22/11/2021 21h16 · Atualizado há 20 horas



Brasil tem a quarta maior taxa de desemprego entre as principais economias do mundo, diz levantamento

Um levantamento internacional em mais de 40 países revelou que o Brasil tem a quarta maior taxa de desemprego entre as principais economias do planeta. É mais do que o dobro da média mundial.



Atravessa um funil estreito, quem busca por emprego.

“Já entreguei mais de 1,2 mil currículos, contando com online. É muito, está muito difícil”, diz Maria Lousada da Silva, de 54 anos.

Chegaram de madrugada os primeiros candidatos a um dos mil postos de trabalho anunciados em Guarulhos, na Grande São Paulo.

“A gente ficou sabendo da vaga, da possibilidade de arrumar um emprego, e viemos, né”, conta Bruno Oliveira, de 19 anos.

Pode ser na indústria, comércio ou serviços.

“Qualquer tipo de oportunidade está sendo bem-vinda”, afirma Andressa Ferreira.

Cada senha, uma esperança.

“Esperança de sair daqui empregada”, diz Alziana Ferreira.

A reabertura da economia e o avanço da vacinação levaram a uma queda no número de desempregados, mas, segundo o último dado disponível, de agosto, ainda são 13 milhões de brasileiros sem ocupação. Na comparação mundial, o Brasil tem uma das mais altas taxas de desemprego do mundo, menor apenas que a de países que passaram por severas crises políticas e econômicas e bem distante da de outros países emergentes.

No ranking do desemprego, o Brasil aparece em quarto lugar, com uma taxa que é mais do que o dobro da média global. É o que mostra um levantamento com mais de 40 países. O país fica

atrás apenas da Costa Rica, Espanha e Grécia. Colômbia, Turquia, Índia e Chile aparecem com cenários melhores.

O que o estudo aponta é para um desemprego estrutural, que resiste a uma taxa de dois dígitos desde 2015. É o que explica o economista que coordenou o levantamento.

“Baixo nível de investimento e inovação e pesquisa e desenvolvimento. O que mantém o nível de produtividade muito baixo no Brasil; nós temos carga tributária muito elevada para se manter um profissional e temos também baixa qualificação profissional, baixo nível de educação no Brasil. Então isso mantém o que eu chamo de desemprego estrutural. Lembrando que 60% de formação do PIB vêm do consumo das famílias. Se não há emprego, não há consumo. Portanto, não há produção e não há o investimento. Importante dar essa visão que nós temos em termos de planejamento econômico. E precisa ser de longo prazo, e não de curto prazo como acontece há muito tempo”, afirma **Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating**.

O ano de 2021 não termina bem para Jorge Alves Cruz, pela primeira vez desempregado, depois de 30 anos de açougue.

“Houve o corte porque teve queda no movimento. O comércio caiu muito. A carne teve aquele aumento, teve corte e resolveram dispensar, né. Mas bola para frente e vamos tentar de novo, né”, conta.